

DANILO E O DIA QUE NUNCA CHEGA

Marinela Marques Porto Couri

Quando interrogado a respeito da técnica que utilizava para transformar enormes blocos de mármore em peças de arte, o escultor respondeu que o material bruto já continha as cenas; ele apenas as revelava, removendo seus excessos. Ao refletir sobre a adolescência e as importantes elaborações psíquicas que ela acarreta, recordei-me da escultura feita por um jovem Bernini, de apenas vinte e um anos, intitulada *Aeneas e Anchises*. A imagem me causou espanto por evocar, ao mesmo tempo, o trágico e o sereno. Trata-se de um retrato da cena mitológica em que Aeneas foge de uma Tróia em chamas, carregando seu pai idoso e fágil nas costas e seu pequeno filho ao seu lado. Entre a criança, que busca a proteção de um pai forte, e o velho pai, cuja falta e a impotência não podem mais ser negadas, caminha o adolescente – como Aeneas – carregando consigo as duas figuras, das quais precisará fazer o luto.

Para a psicanálise, a adolescência é um momento lógico, marcado por um intenso trabalho de elaboração da falta; é um momento de novas exigências pulsionais, de perdas e de lutos, de escolhas e de separação. O sujeito adolescente se vê diante da constatação de que o objeto nunca propicia a satisfação plena e que a tão almejada completude jamais será alcançada.

Na contramão dos discursos jurídico e biológico, que sustentam a adolescência como uma fase cujas fronteiras são delimitadas pela idade, a psicanálise não cessa de perguntar: que tempo é esse que ultrapassa o cronológico e que representa, para o sujeito, uma travessia turbulenta, marcada por tantas transformações?

Em 1905, Freud descreveu a puberdade como um período de importantes elaborações psíquicas, atravessadas pelas diversas mudanças físicas de um corpo que se desenvolve e força o

sujeito a posicionar-se na partilha dos sexos. Embora as manifestações biológicas da puberdade apareçam num espaço de tempo relativamente previsível na vida do ser humano, há outras transformações – invisíveis e inerentes à condição de *ser falante* – que ocorrem em um tempo outro; indizível *a priori*, e singular a cada sujeito. Este é o tempo lógico, o tempo do desejo, no qual o sujeito fará – ou não – suas elaborações e seus lutos. Em seu texto, *Sobre o Início do Tratamento*, Freud usa a resposta do Filósofo ao Caminhante, da Fábula de Esopo, para ilustrar que o tempo do inconsciente não pode ser dado de antemão:

Quando o caminhante perguntou quanto tempo teria de jornada, o filósofo simplesmente respondeu ‘Caminha!’ e justificou sua resposta aparentemente inútil, com o pretexto de que precisava saber a amplitude [de seu passo] antes de lhe poder dizer quanto tempo a viagem duraria (1913, p. 143).

A jornada de cada adolescente é determinada pela singularidade do seu passo. Suas pegadas trazem as marcas da infância – de um atravessamento anterior – e evidenciam, na melhor das hipóteses, a inscrição do Nome-do-Pai.

É com essas considerações iniciais que passarei à história de Danilo, com o intuito de ressaltar alguns dos aspectos que marcam essa laboriosa travessia na adolescência.

Danilo, de quatorze anos, foi à procura de uma análise a pedido da escola, após um incidente que gerou grande preocupação. Um dia, durante o recreio, o jovem fora provocado por outro aluno e respondeu com muita violência, imobilizando o colega e tentando estrangulá-lo. Após a intervenção da diretora, Danilo tentou subir ao telhado da escola, gritando que dali pretendia se atirar.

Durante a primeira entrevista com os pais, Danilo foi descrito como um menino inteligente e solitário, que passava a maior parte de seu tempo livre em casa, jogando *videogames*. Ao falar do filho, o pai ressaltou que, apesar de ser grande – quase do seu tamanho

– Danilo ainda era “um bebezão”. Há alguns anos, seu quarto recebeu um móvel que, por “erro de cálculo” do pai, ficou tão grande que impossibilitou que ali se colocasse uma cama. Danilo passou então a dormir na cama com a mãe e o pai se deslocou para um colchonete no chão. O pai de Danilo falou sobre sua infância, lembrando, com pesar, que precisou “abrir mão” de ser criança para assumir alguns dos cuidados de um irmão recém-nascido. Disse que queria, portanto, “proteger” a infância de seu filho para que ele não a perdesse. Assim, não era permitido que Danilo descesse sozinho para andar de bicicleta com os meninos do condomínio, nem que atravessasse a rua da escola ou pegasse um ônibus. A grande queixa do pai era que o filho, nos últimos anos, havia se tornado “respondão”, achando que era o “homem da casa”.

A primeira entrevista com Danilo, foi marcada pelo silêncio, quebrado apenas pela escrita – literal – de “palavra” em um pedaço de papel. Nas sessões seguintes Danilo fazia desenhos, a partir dos quais soltava frases pontuais. Em um de seus desenhos, o rapaz representou uma paisagem com o sol nascente. Na parte superior do desenho estavam coloridos o sol e o céu e o mar. Na parte inferior, em preto e branco, havia uma praia, com pegadas que se afastavam do mar. Danilo explicou que o desenho era sobre o futuro (colorido) e o passado (em preto e branco). A respeito da direção das pegadas, ele disse: “É mais ou menos como quando nós somos pequenos e tudo é muito bom. Quando crescemos, queremos voltar para quando eramos pequenos. Mas eu não quero mais voltar a ser criança”.

Danilo começou a perguntar se eu era estagiária. Esta pergunta logo tomou forma de um questionamento a respeito do que seria esse “estágio”, que faz a passagem entre o aluno e o profissional. A questão fazia eco aos dois tempos representados no desenho e dizia algo sobre esse *espaço-entre*, no qual o adolescente pode ensaiar os seus primeiros passos a partir de outra posição. Foi no questionamento sobre a ocupação de um *espaço-entre*, aqui representado pelo

significante “estagiária”, que uma demanda pôde ser direcionada ao analista, veiculada por uma suposição de saber acerca dessa passagem que remete ao “crescer”.

Ao longo de alguns meses, os desenhos de Danilo passaram a incorporar a escrita de algumas frases que ele ouvia na escola, principalmente as falas de um professor de matemática, por quem o menino tinha grande carinho e respeito. Certa vez, o rapaz chegou à sessão com um problema que estava há dias tentando resolver. Tratava-se de um desafio de matemática dado aos alunos do último ano, que ele estava decidido a solucionar. Danilo prosseguiu para explicar as fórmulas que havia aprendido, aplicando-as ao problema na tentativa de chegar a alguma solução. Após muito trabalho, conseguiu sua resposta e, sem se importar em saber se ela estava realmente correta, disse: “aqui eu consegui resolver um problema que não pude resolver em casa”. De fato, Danilo estava elaborando algo em torno dessa passagem entre o microcosmo familiar e o social. Ele buscava ir além do seu lugar como o “bebezão” da família. Danilo queria ser reconhecido pelo professor a quem ele tanto admirava. Ele queria ser desafiado pelos “problemas” que, até então, eram destinados apenas aos meninos mais velhos.

No professor, Danilo convocava uma figura que pudesse fazer suplência ao pai que se mostrara irrevogavelmente castrado e que aparecia em seu discurso como um “nada”. Assim, Danilo reivindicava o desejo desse pai quando dizia “o meu pai não tem dinheiro para nada”, “meu pai não me dá nada”, “quando eu o provoco, ele não faz nada”. O jovem se interrogava sobre o seu lugar no desejo do pai e, ao fazer um desenho intitulado “o cubo do nada”, se perguntou: “como algo pode surgir do nada? Se daí surge algo, então não é nada. E se podemos usar a palavra *nada*, então já não é mais nada!”. Vemos aqui como a constatação da falta do Outro, remete o sujeito à sua própria castração, à sua *falta-a-ser*. O “cubo do nada” aponta para o lugar onde não há sentido possível, onde o simbólico falha e o indizível invade. Como constata o

adolescente, é impossível falar do nada. É justamente ali onde falta um significante que “o desejo vem habitar o lugar da presença do real e povoá-lo com seus fantasmas” (LACAN, 1992 [1960-1961], p. 256).

As provocações ao pai pediam uma reação e Danilo, como a maioria dos adolescentes, sabia exatamente em que ponto mirar. O pai sofria de um terrível medo de alturas e Danilo gostava de se aproximar de sacadas e se debruçar em janelas. Entretanto, as provocações do menino não conseguiam suscitar qualquer reação por parte do pai, a não ser um olhar assustado, acompanhado do silêncio. Encurralado no lugar de objeto do pai, Danilo só podia descontar o seu ódio na praça do colégio, onde o seu apelo pudesse ser escutado. Ele procurou uma análise após uma atuação, endereçada ao pai. Lembremos que não foi um apelo qualquer, mas Danilo ameaçou jogar-se das *alturas*. Eis o movimento de histericização do sujeito, que aponta justamente para o furo, para o *nada*, convocando o Outro como agente para que ali possa surgir algo do desejo.

Um dia, Danilo chegou à sessão com as letras de sua música preferida, chamada *The day that never comes*, traduzida como “o dia que nunca chega”. A música fala de um sujeito aprisionado, à espera do dia em que poderá erguer-se para sentir o calor do sol. O rapaz, contudo, já estava elaborando algo a respeito desse tempo de espera, no qual começava a se separar da autoridade dos pais e se encaminhava rumo à outra posição, a partir da qual poderia se experimentar como sujeito desejante. Danilo começou a reivindicar um quarto e uma cama. Ele queria encontrar os amigos para ouvir música. Ele queria ir ao cinema e queria namorar. Não havia mais tempo para esperar aquele dia que nunca chegava.

Pouco tempo depois, os pais de Danilo avisaram que interromperiam a análise do filho, pois não viam mais a necessidade de um tratamento, já que o menino havia melhorado na escola. Além disso, a mãe agora planejava ter outro filho e essa lhe parecia a melhor solução para os problemas da família. Danilo também expressou que não sentia mais a necessidade de uma análise, mas guardaria o meu telefone, caso desejasse voltar.

A partir deste fragmento clínico, é possível ressaltar o quão árdua pode ser a tarefa de “desligamento da autoridade dos pais” que Freud, em 1905, descreveu como sendo “uma das realizações mais significativas, porém mais dolorosas, do período da puberdade” (2006 [1905], p. 214). Se, na infância, há uma idealização dos pais, que permite à criança vedar a falta e se resguardar do desamparo fundamental evidenciado pela castração no Outro, na adolescência já não é mais possível negar a sua insuficiência. O adolescente começa então a questionar os pais idealizados da infância. É justamente por tê-los incorporado numa fase anterior, que o sujeito pode começar a se separar. Não se trata, entretanto, de um processo linear, mas de um tempo no qual o adolescente fará tentativas de separação, ora utilizando-se dos pais da infância, ora questionando estes modelos identificatórios. Assim, o adolescente fará a experiência de ser autor de um desejo para além do amor dos pais imaginarizados, que antes garantiram uma proteção contra o desamparo fundamental. O que se passa na adolescência é a possibilidade de relativizar este Outro, cuja potência fora preservada na infância. É justamente nesse movimento entre alienação e separação, que o sujeito irá construir seus próprios recursos frente ao desamparo, sabendo agora que o Outro poderá ampará-lo apenas simbolicamente (ALBERTI, 2008).

Esta separação, que nunca é completa, não se dá sem certa dose de agressividade (ALBERTI, 2009). A constatação da falta no Outro remete à própria castração do sujeito que, ao tentar ocupar outro lugar, que não o de objeto dos pais, terá que se deparar com seu próprio

desejo. Para Rassial, a adolescência é um momento de “pane nas encarnações imaginárias do Outro” (1997, p. 52), em que o sujeito apontará para o fato do pai ser simplesmente “um elo na cadeia das gerações, elo provisório, e que seu lugar de primeiro, de um Pai, era somente funcional” (1997, p. 85).

Como dizia o ator e escritor Peter Ustinov, “os pais são os ossos sobre os quais os filhos afiam seus dentes”. A incômoda frase revela o tempo que passa e um mundo que gira sem nos esperar. Os pais, aqui reduzidos a ossos – relíquias de uma geração – darão lugar aos filhos, que enfrentarão a vida com seus dentes devidamente afiados pela herança desse Outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, S. **Esse sujeito adolescente**. 3 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

_____. **O Adolescente e o Outro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FREUD, S. Três Ensaios Sobre a Sexualidade. In: **Obras Completas**, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Sobre o Início do Tratamento . Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I. In: **Obras Completas**, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, J. A transferência - **O Seminário livro 8**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

RASSIAL, J.J. **A Passagem Adolescente: da família ao laço social**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora Ltda, 1997.

SOBRE O AUTOR

Marinela Marques Porto Couri. Bacharel em Psicologia pela Universidade McGill – Montreal. Aluna do Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida. Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise – RJ.